



Batismo de Fogo



Por Leandro Reis

Finalmente encaro meu desafio, o último obstáculo de meu treinamento, a prova de fé em Cabal, Senhor do Fogo e guardião da gigantesca e hostil montanha à minha frente. Para alguns, o hálito quente que emana das rochas maleáveis traz apreensão. Para mim, o efeito é diferente, trazendo-me lembranças e me inspirando a continuar.

Cresci em terras hostis, de solo infértil e guerra constante, onde a habilidade com a espada decide quem vive e quem morre. Sou um bárbaro da tribo Sangue de Fogo, a mais respeitada entre as herdeiras deste reino sem rei, conhecido pelo mundo como Planícies Bárbaras.

Ao meu lado, está um garoto que nasceu em um mês de verão, quando o Sol fica mais tempo no céu e a morada de Cabal acorda de seu sono.

– É a primeira vez que o escala, não? – pergunto a ele, enxergando em seus olhos o meu passado. – Você consegue, não desanime!

Merotanaffas é o pior vulcão para se escalar, mas é nosso dever. Nosso povo precisa manter o demônio aprisionado.

As rochas da montanha ficam quentes e é quase impossível segurar-se nelas. Mas basta não desistir para que Cabal sorria para você quando chegar ao topo.

A primeira vez em que o escalei, era um pouco mais novo do que esse garoto.

– É dia de vencer Merotanaffas, o demônio aprisionado por Cabal – dissera o xamã, na época.

Como de costume, foi no solstício de verão, dia em que nascem os Meros: guerreiros batizados no fogo líquido que infesta as entranhas da montanha. Herdeiros do legado de Azguliath, o primeiro entre nós, o maior que já viveu na nossa tribo.

Esse jovem, em breve, conhecerá o treinamento que o Primeiro criou, que só é dado àqueles que escalam Merotanaffas e são escolhidos pelo xamã. O treinamento que nos prepara, que nos transforma... Para mim, no início foi difícil, mas algo me instigou a continuar, desafiando meus limites. Sozinho, conheci o cansaço, a dor e o ódio, mas também entendi o que era a honra, o respeito e a coragem.

Eu não compreendia porque me mantinham isolado das outras crianças da tribo. Não compreendia porque somente eu treinava daquele jeito. Mas, no dia em que meu irmão saltou, compreendi. Entendi porque éramos predestinados a pular no vulcão e encarar os olhos flamejantes de Cabal. Entendi nosso significado e a importância de nascermos duas vezes.

Pude acompanhar o corpo, que seria de meu irmão, crescendo na barriga de sua segunda mãe. Pode parecer estranho no começo: ter duas mães. Mas você se acostuma. Ela quase não aguentou segurar o novo corpo dentro de sua barriga, tendo fortes dores na véspera do solstício. Mas o dia raiou e nós começamos a escalada do gigante. E ela ficou na tribo, com as parteiras e a primeira mãe, aguardando.

Todos os Meros da tribo nos acompanharam. Seus olhos de um tom vermelho-fogo fitaram meu irmão, analisando-o, julgando-o. Não eram muitos, pois apenas um Mero nasce por ano. Já meu irmão estava animado. Encontraria com Cabal quando seu corpo fosse consumido por Merotanaffas. Este sacrifício, realizado todo ano, acalmaria o vulcão e manteria o demônio preso. Agradecido, Cabal cumpriria sua parte no acordo e enviaria a alma de volta ao reino dos vivos, direto para o ventre de sua segunda mãe. Então, ele renasceria.

Quando atingimos o local do ritual, chamado de Língua do Maldito, um rochedo plano, que permitia observar o interior do vulcão, o tom avermelhado vindo de dentro da gigantesca cratera confundia-se com a luz do pôr-do-sol. Todos estavam ofegantes, não pela difícil escalada e sim pelo calor intenso. Naquele dia, Merotanaffas nos contemplava com sua fúria, rugindo ferozmente entre os jatos esporádicos de seu sangue incandescente. Sabíamos que sua fúria era inútil, pois o grande Cabal, seu carcereiro, iria mantê-lo preso enquanto fizéssemos nossa parte.

Os Meros acenderam grandes fogueiras e colocaram suas espadas nelas, enquanto o xamã entoava cânticos sagrados. Após algumas horas, ele despiu meu irmão e clamou pelo fogo. Então, os Meros ali presentes empunharam suas lâminas incandescentes e marcaram seu corpo com runas simples. Apesar da dor insuportável que o fez ajoelhar, ele recebeu as bênçãos de seus futuros irmãos em silêncio.

Quando se afastaram, ele levantou-se e me encarou. Tentei procurar por medo em seu olhar, mas encontrei somente confiança e coragem. Minutos eternos se passaram em nosso silêncio. Aguardávamos o sinal das parteiras, na nossa vila.

A trombeta de Azguliath, o primeiro Mero, finalmente tocou silenciando o grande vulcão, soprada pela primeira mãe, como manda os rituais. Era a hora. Meu irmão sorriu para todos e me encarou.

– Forjarei minha alma no fogo de Cabal... – disse, sem desviar o olhar. Antes que pensasse em algo mais para dizer, correu sobre a Língua do Maldito e saltou, sumindo entre a fumaça e jatos de lava.

Mesmo sendo preparado para o mesmo destino, mesmo sabendo que ele estaria lá embaixo, em nossa vila, me esperando nos braços de sua segunda mãe, hesitei e temi por nunca mais vê-lo. “Aquelas rápidas palavras haviam sido suas últimas”, pensei. Havia um fio de medo nelas, eu tinha certeza.

Mas eu era só um bobo. Do mesmo modo como será comigo, ele estava lá embaixo nos esperando. Seus olhos agora eram vermelhos e seu corpo havia sido substituído por um novo. Ele estava no colo de sua segunda mãe, pequenino e frágil, quando o revi. Chorava bastante, pois havia esperado nossa lenta descida e estava ansioso para me ver. Quando cheguei até ele, sua segunda mãe o colocou nos meus braços e ele acalmou-se, descansando em um sono pesado.

Aquelas não foram suas últimas palavras, mas sim as primeiras. As primeiras como um Mero, um guardião dos Sangue de Fogo, um dos guerreiros mais destemidos das Planícies Bárbaras.

Desde então penso em quais serão minhas primeiras palavras. Vi muitos saltarem. Alguns não disseram nada, outros recitaram histórias antigas... Mas agora, escalando o Merotanaffas para o meu salto, entendi que o que se diz não é importante. Vou ao encontro de Cabal. Sorrirei para ele e mostrarei meu valor. Então sairei da barriga de minha segunda mãe, novamente um bebê, para ser mais forte do que sou hoje e assim proteger meu povo.

Finalmente chegamos ao topo e os rituais se repetem. O xamã clama pelo fogo. Meus irmãos desenham suas marcas a ferro quente em meu corpo. Eu não grito. A ansiedade acelera meu coração. A trombeta do primeiro Mero demora a rugir. Tenho vontade de saltar sem mesmo ouvi-la. O tempo passa enquanto aguardamos, ouvindo mais de uma vez os urros do demônio aprisionado.

O som grave, enfim, se sobressai da sinfonia caótica vinda do vulcão. Sorrio para todos, digo palavras sem sentido em meio à excitação, corro e salto gritando o nome do senhor do fogo: Cabal. “Não era medo o que meu irmão sentiu ao dizer suas primeiras palavras”, penso antes de tocar o fogo, ainda consciente. “Era a honra em se tornar um Mero”.